

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

CONCEITOS QUE BATEM CERTOS

ONTEM como hoje o nosso conceito acerca do Ex.^{mo} Senhor Dr. Valentim de Almeida e Sousa persiste como imperativo natural da sua função independentemente desempenhada.

Para consolidar a verdade da nossa argumentação basta recordar as palavras honestas que escrevemos quando do aparecimento do «Boletim Social da TEBE».

Recordêmo-las:

«O delegado da F. N. A. T., que todos nós, trabalhadores da TEBE, tivemos o prazer de conhecer, no último serão recreativo, para nós organizado, conta connosco para o ajudarmos a realizar uma obra de valor duradouro, na renovação da vida social do operário português, que a F. N. A. T., quer conseguir.

Pessoa cheia de dinamismo, irradiando simpatia, com profundos conhecimentos dos nossos problemas, desce com simplicidade até nós, para nos ajudar a, com ele, subir a um plano mais alto, donde se divise uma vida mais bela, onde a cultura não seja uma excepção, a música apenas um divertimento, o desporto uma luta acesa de partidos, ou uma escola de ódios mesquinhos.

Quem trabalha precisa de descanso e o descanso do corpo só será útil, quando o espírito estiver livre de preocupações, longe dos problemas da profissão.

Para o conseguir, porém, torna-se necessário preencher algumas dessas horas.

À F. N. A. T., compete esse trabalho, mas só com a colaboração dos próprios trabalhadores ela o poderá conseguir, não dispensando também o apoio dos patrões bem como o seu auxílio.

O operário não pode esperar numa atitude passiva que a F. N. A. T. o venha distrair, ele é que tem de ser um elemento activo, também, nesse conjunto harmonioso onde todos trabalham, uns para os outros, na medida das possibilidades e aptidões de cada um.

É preciso insuflar nas nossas fábricas uma rajada de novas energias para podermos auxiliar e colaborar com os dirigentes e estes conseguirem realizar o que para nós tanto desejam: um espírito saudável, um corpo robusto, uma inteligência cultivada e um coração com anseios compreendidos e acarinhados. De nós depende também pois, o êxito de um ideal tão elevado e de tão profundo alcance social.

Só com muitas boas vontades, sacrifícios e ideias inteligentes poderemos conseguir «Alegria no Trabalho».



Dr. Valentim de Almeida e Sousa

CARTA

Ex.^{mo} Senhor
António Baptista
Dig.^{mo} Director do «Boletim Social da TEBE»
BARCELOS

ACABO de receber o número comemorativo do 3.º aniversário do «Boletim Social da TEBE».

O meu abraço de parabéns pelo caminho percorrido, sua direcção, seus objectivos e sobretudo pelos resultados já obtidos, pela obra realizada.

O «Boletim» foi a primeira publicação deste género no nosso distrito.

Jornal de trabalhadores, para trabalhadores, mereceu-nos sempre grande simpatia, pelo muito que podia fazer e pelo esforço, e sacrifício, que sei estar sempre na base de qualquer realização de carácter social, como esta.

Quando se trabalha pelo bem comum, pelo bem dos outros, nem sempre se é compreendido.

A crítica fácil de quem não é capaz de fazer nada, ou não faria sequer igual; por vezes o despeito e outras contrariedades, entre as quais avulta a indiferença dos beneficiários, são escolhos frequentes de quem trabalha desinteressadamente; são dificuldades de todas as obras da natureza do «Boletim».

E depois como os resultados não são palpáveis e não se podem avaliar em números, em estatísticas, o desânimo assalta a quem não tiver os olhos postos no Alto, a quem não for capaz de sublimar o amor do próximo, como resultado do amor de Deus, único farol da jornada pela Terra.

O vosso «Boletim» nos aspectos doutrinário, cultural e literário é um jornal estimável, muito interessante e muito útil, cuja leitura aconselharia até a estranhos pelo muito que com ela lucrariam.

Prossigam!

Procurem realizar sempre mais e melhor e será a vossa compensação.

Não quero distinguir ninguém nesta carta de felicitações. De si, Baptista, disse alguma coisa do que penso quando lhe agradei o seu último livro de versos, outra manifestação da sua ansiedade que classificaria de literária e social.

Não quero individualizar. Por isso, não refiro também esta realização como da TEBE.

A sua gerência ajuda o «Boletim» com vista ao seu pessoal.

Intelligentemente os administradores da TEBE concluíram que qualquer ser humano trabalha e realiza melhor quando satisfeito.

Está certo, mas poderiam ter-se remetido ao essencial como tantos outros.

O grande auxílio, condição primeira, é portanto, também uma obra de sentimento da Empresa.

No momento em que o Ministério das Corporações estruturou e vai lançar uma campanha de formação social e corporativa, o vosso jornal tem ampliado o seu campo de realizações. Precisamos de vós.

Na medida das vossas possibilidades e até como grati-

(Continua na página 2)

Festa Comemorativa do XXIII aniversário do ESTATUTO NACIONAL DO TRABALHO

(Continuação da página 10)

o daqueles que prestam serviço numa empresa, e o das próprias empresas.

Em qualquer dos casos, é um trabalho com sentido eminentemente social, que não se destina apenas à satisfação das necessidades individuais, à consecução dum certo rendimento para cada um dos trabalhadores ou dos empresários.

O trabalho, assim considerado, tem de ter também em vista o bem comum da sociedade.

É que os trabalhadores dedicam o seu esforço também à empresa, nem pode alhear-se dos interesses dela.

Esta, por seu lado, insere-se dentro da economia nacional, nem pode esquecer as exigências desta.

É uma consequência inevitável da lei da solidariedade humana, que está impressa na própria natureza das coisas.

Os homens dependem uns dos outros, porque precisam de auxiliar-se uns aos outros para poderem progredir, material e espiritualmente. Ninguém pode fugir a esta lei, dado que renunciar a ela, ou desprezá-la, é caminhar para uma desumanização da vida.

Dar a cada um aquilo a que tem direito, o que lhe pertence, é praticar a justiça. Ela define-se assim mesmo. No entanto,

CARTA

(Continuação da página 1)

dão pelo que este Sector tem feito pelos Trabalhadores, esperamos de vós.

O alcance de uma Campanha desta natureza é compreendido pela Direcção do jornal melhor do que ninguém.

A necessidade de esclarecimento nos tempos que correm, em que as preocupações do espírito, quase não existem, é evidente.

As vantagens de uma crítica séria, bem orientada e construtiva hão-de traduzir-se em resultados benéficos para todos.

É nestes aspectos que espero muito do «Boletim».

Os préstimos dos Serviços que dirijo continuam ao vosso dispor.

Contaí com o I. N. T. P.

Braga, Setembro de 1956.

Os melhores e amigos cumprimentos do

Valentim de Almeida e Sousa

embora a definição seja clara e simples, na realidade nem sempre é fácil a prática da justiça. É que não raro o seu cumprimento exige sacrifício, e este é incompatível com o egoísmo que por vezes nos domina.

*

Justiça social e espírito de solidariedade.

Podemos considerar estes princípios como a base da doutrina e do sistema corporativo.

«Corporativismo» é uma palavra derivada de «corpo» e este, como sabeis, é um símbolo real da unidade.

A cabeça, o tronco e os membros, bem como os diversos órgãos de que se compõem não podem viver uns sem os outros, e cada um trabalha para todos os demais.

Acontece o mesmo na sociedade. Cada um de nós, pela actividade de desempenho, pela profissão que exerce, está ligado, por afinidade de interesses, aos outros.

Cada um dos grupos naturais que assim se constituem tem determinados interesses legítimos que reciprocamente se limitam e são coordenados superiormente pelo interesse geral.

Foi partindo destas realidades que o Estatuto fixou alguns princípios fundamentais que passaram a iluminar toda a legislação e todas as actividades económicas e sociais do país.

Partiu-se da ideia do bem comum como directriz suprema de toda a vida nacional; assentou-se no postulado da harmonia e conciliação entre o capital e o trabalho, por um lado através do reconhecimento de direitos incontestáveis e pela justa satisfação dos seus interesses, por outro, em virtude das limitações impostas pelas suas obrigações recíprocas.

Seria moroso e maçador enumerar e concretizar todas as várias disposições do Estatuto sobre a propriedade, o capital, o trabalho, a organização corporativa, a previdência social, a magistratura do trabalho, etc. O que aqui interessa sobretudo pôr em relevo é que o corporativismo não é apenas um sistema, não se traduziu apenas na criação de normas jurídicas, de organismos e instituições, de certos serviços. Constitui sempre um ideal, uma doutrina.

Na sua essência, e seguindo o curso da própria natureza humana, ele é um apelo ao que o homem tem de mais nobre e de mais belo. Ele postula uma renovação do nosso espírito, para que ultrapassemos o materialismo da nossa vida ou o egoísmo da nossa vontade.

A «justiça para todos e protecção aos mais fracos» (Professor Oliveira Salazar), para que não falte o pão em cada lar, nem desapareça a alegria nos corações, não pode conseguir-se apenas por imposição das leis ou através do mecanismo burocrático do Estado.

Ela exige a cooperação e boa-vontade de todos, a dedicação de muitos, o próprio sacrifício de alguns.

Mas vale a pena colaborar nesta tarefa, gigantesca é certo, mas profundamente humana, pois que ela no fundo nada mais significa do que o cumprimento de um mandato que ressoará aos nossos ouvidos até ao fim dos tempos: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo!».

Muito se tem conseguido, e vós, os trabalhadores que sois os principais e directos beneficiados, melhor do que eu poderia dar testemunho desse facto. Não significa isso que não haja hesitações e deficiências, que o caminho a percorrer ainda não seja longo.

Mais uma razão para não abandonarmos a trincheira do combate.

Por isso termino fazendo votos que esta comemoração não constitua uma simples lembrança, vaga e fria, mas, pelo contrário, seja uma tomada de consciência, um propósito firme, vivo e ardente de trabalhar sem cessar pela grandeza e progresso de Portugal.

Deste modo, e sem que isto signifique qualquer figura de retórica, podemos dizer com toda a verdade que a revolução prosseguirá.

Como Salazar, nós podemos perguntar-nos «se enquanto houver um português sem trabalho e sem pão, a revolução não há-de continuar!». Sem dúvida que continuará. «Portugal pode ser, se nós quisermos, uma grande e próspera Nação».

No final do seu discurso foi muito aplaudido.

2.ª PARTE

A segunda parte constou de uma sessão recreativa pelo Conjunto do Grupo Recreativo da TEBE, que representou a seguinte peça:

UMA ANEDOTA

de Marcelino de Mesquita, com a seguinte distribuição:

O Director, Adriano Faria; O Rapaz, M. Sousa e O Criado, António Luís.

Houve também um acto de VARIEDADES pelos conjuntos do Centro de Recreio da Casa do Povo de Barcelinhos e pela Orquestra Ligéira da mesma Casa do Povo.

Esta sessão agradou plenamente.

Diplomas distribuídos na Festa do C. A. T. da TEBE

Nome	Diploma	(TEBE)
Maria Manuela Miranda	— Diploma	
Alice Lopes Tavares	— »	»
Emília de Jesus	— »	»
Manuel Fernandes de Sousa	— » de Mérito	»
Francisco Isolino Arantes	— » de Honra	»
Zulmira Faria	— »	»
M. Isabel Paixão Amaral	— »	»
Cândida P. Ferreira de Lima	— »	»
Maria da Paz Cardoso Neiva	— »	»
D. Ana Estrela Tavares	— » de Honra	»
Eduardo António da Silva	— » »	»
João da Cunha Ferreira — Barcelos	— » »	»
José da Cunha Ferreira — »	— » »	»
Eugénio G. Ferreira — Barcelin.	— » de Mérito	»
António A. Cruz Amaral — Barcelos	— »	»
Manuel Pereira de Faria — Barcelin.	— » de Honra	»
João Pereira de Faria — »	— » Mérito	»
Jorge M. da Silva Correia — Barcelos	— » Honra	»
Luís do Carmo Pereira — »	— »	»
João Dias de Figueiredo — (TEBE)	— » de Honra	»
Alberto da Silva Neiva — Barcelos	— » »	»
Maria Ribeiro — (TEBE)	— » »	»
Edmundo S. da Cunha — Barcelos	— » »	»
João Macedo Correia — »	— » de Mérito	»
Adélio Macedo Correia — »	— » Honra	»
José Coelho da Cunha — »	— » »	»
Maria da Glória Arantes — (TEBE)	— » »	»
Grupo Recreativo da TEBE)	— » »	»

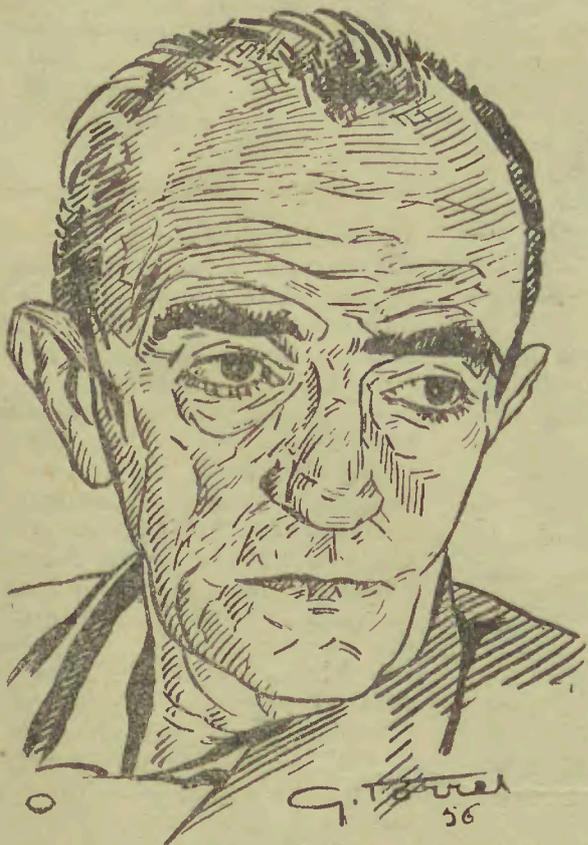


GRACILIANO RAMOS E O «MODERNO»

Inédito de FERNANDO LOPES

NÃO estamos habituados a colocar Graciliano Ramos num lugar destacado entre os escritores que mais facilmente identificamos com os novos e riquíssimos horizontes abertos à moderna literatura brasileira. No entanto ele está, sem dúvida, a tais horizontes ligado profundamente, tanto ou talvez mais do que nenhum outro, e isto não obstante no seu primeiro livro, *Caetés*, se sentir a forte influência do nosso Eça. Mais tarde, Graciliano libertar-se-á. Ficar-lhe-á a preocupação eciana da frase bem construída, do vocábulo

Erico Veríssimo, mesmo em Cyro dos Anjos ou Amando Fontes — e Graciliano como que nos fica, não esquecido, mas num cantinho à parte; não é com toda a naturalidade que o ligamos à longa lista que tão facilmente nos ocorre. Porquê? Talvez porque não o lemos com o cuidado que seria desejável; talvez por insuficiência de cultura; talvez por vício ou questões de gosto puramente pessoal: porque simpaticizamos mais com o lírico, com o rapsodo Jorge Amado; porque nos é mais grato um Lins do Rego com os seus «engenhos», a cadência lenta,



Graciliano Ramos

justo, intenso de sentido, mas só a preocupação. A prosa apurada de Graciliano tornar-se-á na de um escritor essencialmente brasileiro.

Mas cabe perguntar: por que não somos propensos a ver no autor de *Vidas Secas* um dos mais representativos romancistas intimamente ligados ao vigoroso surto da moderna literatura do Brasil? Falamos em J. Amado, em Lins do Rego, em

sensual, do amor vivido pelos seus personagens presos a um mundo morto e morrendo com esse mundo; talvez porque Graciliano não movimenta massas nos seus romances, embora nos ponha perante todo um velho mundo caindo em pedaços. Lembrámo-nos de *Angústia* e logo temos este cômodo raciocínio: uma longa análise introspectiva dum sujeito quase maluco; no entan-

to, um Luís da Silva mais ou menos doido é apenas a aparência, apenas um dos muitos efeitos dessa causa muitíssimo mais vasta que é todo esse mundo caindo em pedaços, mas pretendendo ainda equilibrar-se nos seus alicerces minados.

Para Graciliano não há optimismo, nenhuma espécie de optimismo, e por isso é cru, seco, incapaz dum afago; nele até um amor gerado nas maiores esperanças tem um fim violento porque é o único fim inevitável e lógico. Para o autor das *Memórias do Cárcere* nenhum homem se salvará, ou melhor, nenhum homem encontrará, buscando apenas em si, forças para salvar-se; por isso todos os seus esforços, por mais esperançados que sejam, tendem inevitavelmente para o drama. A quem não o leia bem, Graciliano pode parecer, portanto, um pessimista desesperado, mas confundi-lo com um Virgil Gheorghiu ou um George Orwell é um erro clamoroso. O homem, para o autor das *Memórias do Cárcere*, ao contrário do que pensam e escrevem os novos profetas do desespero, tem ainda uma saída: aquela que os mesmos homens já começaram a abrir. Por isso não está perdido!

Leia-se qualquer livro do grande escritor brasileiro e não se encontrará um único personagem que diga, lá do cerne do seu íntimo: «eu venço!» Não, nenhum vence, todos são vencidos. Mas porquê? Na resposta justa está tudo que faz de Graciliano Ramos não um aparentado dos profetas do desespero, não um demolidor inconstrutivo, mas sim o escritor realista, embora seco e frio, o escritor honesto como poucos, um dos mais humanos e modernos romancistas do Brasil. A sua verdade é dura, mas defendida com coragem; poderá ferir susceptibilidades, mas Graciliano sempre a pôs acima até das suas próprias susceptibilidades, como poucos ele se sacrificou por ela. Ei-la: todo o homem está totalmente mergulhado no seu mundo; os

actos do homem são a tal ponto determinados pelo mundo corrupto de que faz parte, por mais rico ou miserável que seja, que sonhar libertar-se sozinho à influência desse determinismo é condenar-se a um dramático despertar. Lemos num belo ensaio de Floriano Gonçalves: «Este terrível determinismo de Graciliano Ramos não deixa a luz nascer nem a alegria cantar. Nunca a salvação virá de dentro do homem, que é sempre vencido pelas forças que o geraram. Somente uma mudança no enquadramento das forças que o cercam e esmagam poderá transformar o caeté, o bruto, José Baía e Fabiano. Nisto a arte de Graciliano Ramos é a mais intensamente revolucionária de todos os escritores brasileiros vivos» (1).

Meditemos nos quatro volumes das suas *Memórias do Cárcere*, nesse dramático documento que nos mergulha num dos períodos mais negros da vida política e social do Brasil. O homem é aviltado, perseguido, preso sem culpa formada e sem julgamento, torturado e morto. Graciliano é atirado, com milhares de outros, para a ignomínia da cadeia, para a ralé mais baixa da sociedade, é misturado com ladrões e assassinos — mas não desespera. Revoltado, escreve sobre o que vê e o que lhe fazem, mas a revolta em si é a consciência, nunca o desespero inconstrutivo dum Orwell ou dum Gheorghiu, de 1984 ou de *A Vigésima Quinta Hora*.

Talvez como nenhum outro ele seja o que mais profundamente vê na realidade dos nossos dias, e fazendo vencidos de todos os tipos humanos que passam pelos seus livros, seja ainda um dos que mais conscientemente vê para eles a vitória. E quem profundamente mergulha na complexa realidade dos nossos dias, por que não há-de ser um dos mais modernos da literatura de qualquer país?

(1) Graciliano Ramos morreu em 1953.



PAGINA FEMININA

Secção da Juventude

Raparigas, jovens operárias!

«...E há caminhos não andados, que esperam por alguém!...». Estrofe admirável do belo Hino da Acção Católica que todas, por certo, já ouvistes cantar!

Caminhos, caminhos semeados de escolhos onde tropeçam a cada passo almas juvenis que se perdem... Caminhos árduos para aquelas que querem subir, levando no peito a luz sacrossanta do apostolado, para o fazer viver, para o viver elas mesmas...

Sim, queridas raparigas, são estes os caminhos que encontrareis na vossa vida simples de operárias!

Caminhos que esperam por alguém... Esperam por vós, por aquelas que denodadamente se consagram à tarefa bendita da salvação das suas companheiras, levantando tantas que adormecem à beira do abismo, onde, sem um braço amigo, se precipitam...

A festa de Cristo Rei marca o início dum novo ano na Acção Católica.

Rapariga operária! A J. O. C. F. espera por ti! — Quer a tua juventude, a tua força, a tua perseverança, o teu exemplo digno para fazer de ti a alma grande para que Deus te crioul! — Quer a tua alegria, a tua frescura, a tua mocidade em flor, para que tudo consagres ao culto sublime da pureza na tua preparação para o casamento!

— Quer que sejas uma rapariga sã e activa no apostolado; a cristã mais cumpridora dos seus deveres; a operária mais competente e zelosa na tua profissão; a companheira mais amiga e mais irmã da tua companheira; a noiva que criteriosamente faz a sua escolha; a futura mãe e esposa que todos admirem e estimem! É isto o que a J. O. C. F. quer fazer de ti, jovem trabalhadora!...

Portanto, vem, vem com as outras percorrer os «...caminhos andados que esperam por alguém...».

Excília Novais Machado

Hino da Acção Católica

*Abram alas terra em fora
Por entre frémios de luz
Deus nos chama, é nossa a hora
Alerta pela Cruz!...*

MEDITAÇÃO

OUTONO

NO Outono andam pelo céu vagas melancolias nos seus tons suaves.

Andam nos campos e nas árvores tristezas dispersas pelas folhas envelhecidas, pelos troncos e ramos, sem vigor, alquebrados e exaustos. Anda o silêncio nas cores esbatidas e anda a luz amortecida nos cantares sem alegria...

No Outono há uma beleza nostálgica que nos inebria, que nos enche a alma!... Sente-se mais profundamente a saudade e parece que o nosso espírito se torna mais sensível à dor. Não é, contudo, uma hora de desânimos ou de renúncias é antes a hora de meditação, é o toque das Avé-Marias. A natureza convida-nos a um recolhimento espiritual, tão necessário nos agitados tempos de hoje. Debruçarmo-nos sobre a alma para sabermos quem somos e que rumo escolheremos para a nossa vida é um imperativo das consciências bem formadas. Em todas as vidas há horas de tristezas e horas de alegrias, passadas falsas e rasgos de abnegação. Na vida de cada uma de vós tem havido lágrimas e risos, mas o essencial é que a recordação das alegrias ou das tristezas nunca façam subir à cara o rubor da vergonha.

Felizes as que podem lembrar todos os seus passos de cabeça levantada orgulhosamente, e tristes as que preferem antever o futuro, porque no passado há clareiras sombrias e horas soturnas...

Nesta linda estação do Outono, em que a natureza se vai recolhendo no

*Almas bravas de soldados
Senhor, já surgem de além
E há caminhos não andados
Que esperam por alguém...*

*Em nós, acendei em nós, oh Deus!
Flamas dum nobre ideal
Clarins, vibrem clarins nos céus
Por amor de Portugal!*

*Quem avança a conquistar troféus
Luta por bem da grei
Lutai a cantar de olhar em Deus
Batalhões de Cristo Rei!*

*Portugal rezando canta
Senhor, num rumo triunfal
Arraial avante, avante
Vitória, Portugal!*

VIVA CRISTO REI!!!

DEUS NA CRIANÇA

*Silêncio! Não vês? — Repara:
A manhã fez-se mais clara...*

*Silêncio! Devagarinho...
Cuidado com as pedras do caminho...*

*Silêncio! Não fales... Não...
Deixa-me ouvir bater o coração...*

*Silêncio! Todo o Universo
Está ali — dentro dum berço!*

*Além... não vês que dorme uma criança?
Silêncio!
É Deus que descansa.*

Do Livro «DEUS» — Poesia Nova, 1944

MIGUEL TRIGUEIROS

Advertência

«Boletim Social da TEBE» não se obriga a publicar a colaboração não solicitada, embora esta lhe mereça a melhor atenção e a receba com o maior interesse. Igualmente não se obriga à sua devolução.

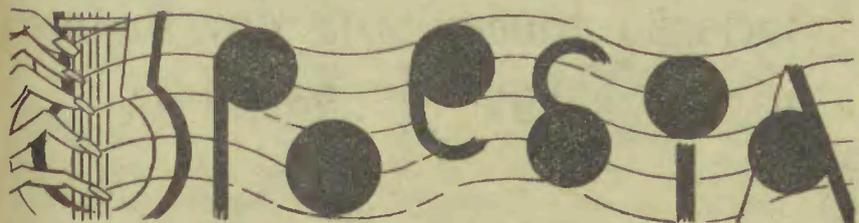
silêncio e envolvendo de tons cinzentos faz bem, a todos, mergulhar um pouco no seu íntimo com ânsia de corrigir ou enveredar por um caminho melhor, onde as vaidades, os luxos, as alegrias frívolas sejam um estorvo.

Não há criaturas perfeitas, mas há pessoas que vivem de olhos postos num ideal elevado e caminham em frente sempre, suportando contrariedades e injustiças, risos escarninhos e ditos imperitinentes. Nada porém desviará os seus passos firmes e serenos, por mais áspero, traiçoeiro e escorregadio que seja o caminho a trilhar.

Almas sem fé, almas sem esperança, meditai na vossa conduta e dai novos rumos à vossa vida, cheia de mocidade. Deixai que despertem as virtudes latentes nessas almas ceguinhas e obscurecidas.

Se já tivestes horas de faltas resgatai-as, aceitando, os sacrifícios, sem revoltas nem falsidades. Podereis enganar o mundo inteiro, mas nunca será possível abafar a voz da vossa consciência. Haveis de escutá-la sempre: nas horas de trabalho, no silêncio da noite, nos momentos recolhidos, por entre o barulho das festas, no rir com espalhafato, ao rezar com devoção...

Meditar é parar, de vez em quando, e olhar, atentamente, para dentro de nós e ver por onde seguimos. E se for preciso retroceder, não hesites, que é sempre tempo de fugir dos caminhos maus, onde se encontram companhias indesejáveis.



Pomba

*Era apenas uma pomba que o «capot» dum carro
apanhou na corrida e destroçou,
alva pureza que um vermelho sarro
maculou.*

*Era apenas beleza, instinto e alegria
que a insânia dum motor, em ânsia bruta,
matou por emulação, imotivada, fria,
e sem luta.*

*Era apenas o leque grácil duma asa
destinada a bordar o azul do céu.
Agora, um pobre destroço que a maré vasa
recolheu.*

8/9/55

CARLOS CAMPOSA

Desejo

*Um beijo...
Um beijo da tua boca
Carminada,
Da tua boca louca
Do meu desejo...
Um beijo
Prolongado,
Demorado,
Em que te sinta estremecer
Tocada pela brisa do amor...
Um beijo violento
De prazer e sofrimento
Em que a carne estremecida
Se renda e entregue vencida
Ao desejo,
Que é um beijo
Da tua boca ardente...
Queima a minha boca,
Une-te a mim,
Deixa-te estar assim
Desafiando o tempo e o espaço.
E assim unida
Tu és a imagem da vida
Nesse beijo prolongado,
Demorado
E apertado
Num infinito abraço...
Um beijo, um beijo
Da tua húmida boca
Que está louca
Desse desejo...
Um beijo, um beijo sòmente.
Um beijo que queime a minha boca
Que está louca
Por esse beijo ardente...*

FERNANDO DIAS COELHO

Os portugueses de gosto requintado preferem malhas TEBE

Eis uma carta que traduz, em toda a extensão, o valor substancial da preferência das camisolas TEBE:

«Ex.^{mos} Snrs.

Fábrica de Malhas «TEBE»

Barcelos

Ex.^{mos} Snrs:

Possuo uma camisola de lã, da v/ fábrica, com as seguintes características: tipo interior, em lã termogénica, inencolhível, sem botões, mangas compridas, n.º 4.

Desejo comprar mais duas e por isso procurei-as em várias casas, do Porto, onde adquiri a primeira. Acontece porém que já não têm as camisolas que

pretendo e informaram-me não as poderem encomendar por a v/ fábrica só as vender às dúzias. Procurei também noutros estabelecimentos e não as encontrei. Porque a camisola me agradou inteiramente rogo a V. S.^{as} o obséquio de me indicarem uma casa do Porto onde tenham a certeza de as poder encontrar, ou de mas enviarem por intermédio de qualquer dos v/ distribuidores; neste último caso, estou pronto a, mediante v/ pedido, enviar adiantadamente a verba necessária.

Agradecendo desde já o favor da v/ atenção, subscrevo-me

Sebastião J. Furtado

Porto, 7 de Setembro de 1956».

A Embalagem e a sua Técnica...

Por FELISBERTO RODRIGUES

PARA a maioria das firmas, comerciais ou industriais, é sempre um problema difícil responsabilizar alguém pelos trabalhos da embalagem e acondicionamento.

Na verdade, se divagássemos de firma em firma e quiséssemos visitar ou antes entrevistar o Chefe dos serviços de acondicionamento dos artigos, receber-nos-iam certamente com estranheza e indicar-nos-iam por certo o Director técnico, o Director comercial, o Chefe da contabilidade, o Chefe de vendas, o Chefe de compras, o Chefe de expedições ou qualquer outra pessoa de responsabilidade, menos aquela que procurávamos.

Não há dúvida de que qualquer das pessoas referidas se preocupa frequentemente com problemas de embalagem, mas tais problemas serão sempre considerados em plano inferior em relação à actividade principal.

O Chefe de expedição de uma firma interessa-se sobremaneira por uma protecção capaz para os produtos a expedir, mas preocupa-se demasiado com o preço de custo. O Encarregado da publicidade proporá uma melhor apresentação dos artigos, mas ignorará muitas vezes a protecção das qualidades intrínsecas. O Chefe de compras não hesitará em comprar materiais de qualidade comprovada, mas nem sempre poderá controlar os artigos que lhe apresentam. Por sua vez, o Director comercial reconhecerá que há qualquer coisa a menos na sua Organização, que lhe falta

um incentivo para o aumento de vendas, mas também se preocupará com a redução das despesas gerais e quantas vezes esta inquietação de economia o inibirá de encontrar aquele estímulo que longe de lhe reduzir o resultado final, melhorar-lhe-ia com um aumento de vendas e consequente garantia de mais e melhores lucros. Ao Director técnico que procura uma protecção adequada para os produtos que obteve, quantas vezes não ocorrerá dar-lhe uma forma ou uma contextura interna que lhe facilite as operações de protecção.

Finalmente, é muitas vezes o Director que decide em definitivo, mas com o auxílio de elementos de apreciação isolados, não relacionados uns com os outros, e por conseguinte sem ter uma visão objectiva do problema que de difícil pouco ou nada tem.

O problema da embalagem é um problema de direcção. O Chefe dos serviços de embalagem e acondicionamento de uma firma deve estar em contacto estreito com todos os demais serviços de uma empresa. Deve cooperar com as secções de estudo, de compras, de fabricação, de vendas, de expedição, etc. Mas para que o seu trabalho seja perfeito, tem forçosamente de reunir uma certa experiência técnica da fabricação e das qualidades de todos os materiais e produtos para a embalagem e uma certa capacidade de apreciação científica de todos os tipos de embalagem, conhecendo perfeitamente todos os materiais adequados. E para que o técnico da emba-

O nosso «Boletim»

A propósito do aniversário do «Boletim Social da TEBE» referiram-se ao nosso jornal as seguintes publicações:

Jornal de Barcelos, de 20 de Setembro passado:

«Entrou no quarto ano da sua vida — vida de jornalismo e propaganda da TEBE — o «Boletim Social da Tebe» de que é director o nosso amigo António Baptista.

Ao seu «Boletim» tem dado o melhor do seu esforço e consagrado as horas de justo repouso para o poder aguentar, apesar das incompreensões de tantos.

Ao entrar em novo ano de vida queremos saudar o «Boletim Social da Tebe» e saudar, especialmente, o seu Director pela força de vontade e desejo de bem servir a Indústria a que se dedica.

«Boletim Social da Tebe», que é composto e impresso nas oficinas gráficas da tipografia «Vitória», apresenta-se em traje de festa e é justo que todos os barcelenses se associem ao seu aniversário.

Jornal de Barcelos apresenta-lhe «muitos parabéns e deseja-lhe muitas felicidades».

|||||

O Despertar de Coimbra, de 3 de Outubro pronunciou-se nestes termos:

«Com um esplendido número, quer em colaboração, quer gráficamente, este *Boletim*, simpático sob todos os aspectos, comemorou ultimamente o seu 3.º aniversário que atingiu com destacado merecimento e aplauso de todos quantos, como nós, o tem apreciado desde o seu primeiro número.

Cumprimentamos o muito apreciado *Boletim Social da Tebe* e todos quantos contribuem para a sua manutenção, que desejamos seja longa».

|||||

Também o *Diário do Norte* se referiu ao aniversário do «Boletim Social da TEBE» nestes termos:

«A fábrica de malhas Tebe publicou um número especial do seu boletim social em comemoração do seu 3.º aniversário, com agradável colaboração recreativa».

Também *O Barcelense*, de 13 de Outubro, se lhe referiu desta maneira:

«Com um número especial, publicado a cores e com excelente colaboração, entrou no 4.º ano de vida o «Boletim Social da Tebe», do qual é digno Director o nosso amigo e inteligente jornalista e mavioso Poeta, Sr. António Baptista. Parabéns».

|||||

E a *Gazeta do Sul*, de 7 de Outubro falou assim:

«Ao publicar o seu n.º 37, de Agosto passado, entrou no quarto ano de existência este simpático e educativo Boletim, propriedade do Clube Desportivo da Tebe, uma associação dos operários da Fábrica de Malhas do mesmo nome, com sede em Barcelos.

Boletim de trabalhadores para trabalhadores, insere normalmente trabalhos de interesse educativo e informação das actividades do Grupo proprietário, pelo que a sua acção se torna particularmente útil. A quantos trabalham para o progresso de tão interessante publicação como é este Boletim, e especialmente ao seu director, sr. António Baptista, os nossos votos de longa vida e constantes êxitos».

|||||

Do ilustre Director da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz, recebemos a seguinte carta:

...Sr. Director do
«Boletim Social da TEBE»
BARCELOS

...Sr.

Tem mais um ano a excelente publicação que V. tão criteriosamente dirige, e ao comemorar-se a passagem de tão festiva data, é com o maior prazer que cumprimento V. e todos os seus dedicados colaboradores, ao mesmo tempo que desejo as maiores prosperidades e longa vida para o «Boletim Social da TEBE».

Renovo os meus agradecimentos pela oferta do referido Boletim, e tenho a honra de me subscrever com vivos protestos da mais elevada consideração,

De V. Ex.^a
O Director da Biblioteca,
António Vitor Guerra

O PENSAMENTO DO MÊS

«Analisa bem quem é teu amigo, porque se o consideras como sendo-o, e ele não o é, pode ser o teu pior inimigo».

Diógenes

lagem disponha de conhecimentos à altura, tem necessariamente de relacionar-se com firmas especializadas nos problemas da embalagem e estar ao corrente da evolução neste campo.

TEBE ao festejar o aniversário da fundação deste «Boletim» orgulha-se de enfileirar entre as firmas portuguesas com uma secção de embalagem especializada que alinhou entre as pri-

meiras no uso da CELOCIFA, a primeira película celuiósica transparente fabricada em Portugal, que protege sem esconder.

É nesta virtude da película que vai a razão da preferência pelas malhas TEBE. A sua superior qualidade transparece nas embalagens CELOCIFA.

Adquirir malhas TEBE em embalagens CELOCIFA é ter a certeza de comprar produtos de qualidade.

Associação Humanitária dos Dadores de Sangue de Barcelos

BARCELOS pode orgulhar-se de ter dentro dos seus muros uma «Associação Humanitária dos Dadores de Sangue» que, pelo ideal que a rege, pelo altruísmo que a orienta e, ainda, pela abnegação com que é desenvolvida, bem merece que todos nós a saibamos acalentar, encorajar para que possa prosseguir numa marcha certa e renovada.

Gostaríamos de focar, nestas colunas, toda a essência da obra que, pela sua função social, é digna dos mais rasgados e justos elogios. Porém, com receio de ferir a modéstia dos que lhe deram forma, só nos atreveremos a prestar a nossa homenagem a todos os que, desinteressadamente, dão o seu sangue um ser que, a bem da saúde do homem, seu irmão.

Evidentemente que o «Regulamento e os Estatutos» traduzem, em toda a extensão, o valor e projecção da Associação na cedência voluntária, humana, plena de grandeza daquele que sabe dar o seu sangue para salvar, quantas vezes, eternamente, lhe saberá ser grato.

O sangue humano não pode nem deve ser objecto de comércio ou indústria; ele é apenas o agente renovador e vivificante (não sei se diremos bem) dum outro sangue que terá características afins (semelhantes).

Não pretendemos historiar uma Associação que, organizada ontem, já tem a sua história.

Limitamo-nos, de momento, a dar a público os «Direitos e Deveres dos Dadores» formulando um voto muito sincero para que a Obra prossiga a BEM DE BARCELOS e a BEM DA HUMANIDADE.

Todos não somos de mais e, portanto, deixemos no olvido estúpidos conceitos e condicionalismos e apoiemos uma Obra que deseja ser de todos.

«1. A transfusão de sangue é um meio precioso — por vezes mesmo o único — de salvar a vida humana que periga por doença ou acidente.

2. Acto terapêutico de execução aparentemente simples, é na realidade um processo de complexidade extrema, que se desenvolve numa série de fases distintas e sucessivas desde a escolha do dador até à injeção de sangue no doente. Cada uma dessas fases comporta as suas causas de erro próprias, uma só bastando para diminuir ou aniquilar o valor da obra como um todo.

3. O contraste entre a aparente simplicidade e a dificuldade real mais se acentua à medida que os progressos meramente técnicos vão eliminando certos riscos e obstáculos, por um lado e, por outro, as constantes investigações da imunologia, da serologia e da clínica vão descobrindo novas particularidades individuais que levantam outras tantas restrições à aplicação indiscriminada do sangue.

4. No estado actual dos conhecimentos médicos a transfusão nem mesmo pode ser uma forma de terapêutica isolada, única, espécie de remédio prodigioso ou solução heróica para situações desesperadas e angustiosas. Integrada num sistema de tratamento das funções vitais, que hoje se designa com o nome de *reanimação*, a transfusão de sangue deve ser apenas a fórmula clara, exacta e própria que uma técnica largamente experimentada oferece a determinados problemas clínicos de todos os dias.

5. Sendo ainda, muitas vezes, um valioso recurso de urgência, é todavia incompatível com improvisações mesmo bem inspiradas, e só produzirá plenamente os bons efeitos de que é capaz, quando organizada segundo métodos de trabalho que a experiência dos últimos quinze anos acredita como os mais seguros e aconselháveis.

6. Para o fim de uma regulamentação eficiente da transfusão, podemos considerar-lhe três aspectos principais: dador, doente e laboratório. É evidente o artificial da distinção, pois a transfusão depende, em última análise, não só de cada um deles mas também da influência recíproca de uns sobre outros. Mas o exame da questão torna-se mais impressivo se a observarmos de cada um destes pontos de vista».

Oportunamente daremos a público o conteúdo formulado no «Regulamento Interno e Estatutos» da Associação Humanitária dos Dadores de Sangue de Barcelos.

Aos nossos assinantes

Avisamos que, oportunamente, faremos cobrança de Escudos 12\$00 (anuidade) a todos aqueles que, até ao fim do mês de Novembro, não pagarem as suas assinaturas.



Dirigida por Licínio Waldemar Esteves

Noticiário

Realizou-se no passado dia 29 de Agosto uma Assembleia Geral Extraordinária do Oquei Clube de Barcelos, convocada por um grupo de sócios e pela Direcção para apreciação, votação e aprovação do Relatório e Contas.

Abriu a sessão o presidente da Assembleia Geral Sr. Cândido Cunha (Pai) que pediu para que a mesma corresse dentro do respeito e educação, que é peculiar aos sócios desta colectividade.

Falou em seguida o Vice-Presidente da Direcção Sr. José Fiuza que expôs aos associados o motivo daquela reunião, com elementos concretos e elucidativos quanto à má gerência que tem tido este clube e que está a pôr em foco a reputação de que gozava, nos meios desportivos desta cidade.

Dentro do indispensável respeito e com calor próprio de quem defende uma causa justa, entregou à mesa um relatório elaborado com justiça.

Posto em discussão, não foram concretas por falta de elementos as respostas da Direcção principalmente ou por outra, unicamente na parte que respeita à tesouraria.

Parece impossível que uma Direcção vá para uma Assembleia Geral tão parca de elementos elucidativos, à camada social!

Dado que nada se poderia resolver, foi nomeada e eleita por unanimidade uma comissão de inquérito composta por os sócios Snrs. Mário Costa, António Lourenço, Joaquim Roriz e Waldemar Esteves de colaboração com o Conselho Fiscal, que logo que dê por concluído o seu trabalho requererá uma nova Assembleia Geral para então dar quanto possível elementos elucidativos a toda a massa associativa, que é afinal do que vivem os clubes.

*

A Forjães no passado mês deslocaram-se 2 grupos mistos de Barcelos e Barcelinhos em séniores e júniores para realizarem dois jogos, exibição.

A presenciá-la um grande número de assistência, a afirmar o grande número de adeptos que vem conquistando a modalidade de que possuímos o ceptro de Campeões Mundiais.

No primeiro encontro (júniores) a vitória pertenceu a Barcelinhos por 1-0. A grande exibição do seu guarda-redes, contrariou os intentos do adversário. O resultado aceita-se, mas o empate seria de maior justiça.

A seguir os Séniores tiveram mais azar devido à chuva que cafu durante quase todo o desafio, tornando o piso (já de si

Recomeço...

ASSIM como as estações do ano se sucedem periódicamente, também os desportos vão seguindo essa mesma ordem.

Eis que finalmente voltou o Desporto-Rei—Futebol—desporto que já era esperado ansiosamente e que vem entusiasmar todos os seus simpatizantes.

Desde o humilde campo «pela-do» ao mais majestoso Estádio, milhares e milhares de adeptos seguem atentamente, cheios de entusiasmo e emoção o decorrer desses grandes encontros segundo a segunda, minuto a minuto fazendo-lhes remover os nervos dum modo impressionante e inexplicável.

É surpreendente e admirável o espectáculo maravilhoso que a assistência nos faculta durante os noventa minutos de jogo. Nas faces de uns reflecte-se a verdadeira satisfação e alegria como indício de uma expressiva vitória, ao passo que na de outros se denota um pesadelo de tristeza a predizer o sofrimento duma derrota.

«Saber ganhar ou perder tudo é desporto» e a par de uma ou outra desilusão, as massas associativas não esmorecem e ansiosamente aguardam novas jornadas na esperança da recuperação do seu favorito.

E é isto que faz rejubilar milhares de adeptos que assim se enamoram do desporto-Rei.

Nesta paixão se abriu esta nova época que decerto nos deliciará com o seu melhor e mais produtivo futebol.

A. Faria

polido) quase impraticável. Barcelos ganhou por 5-4 mostrando a maior valia individual dos seus componentes, já que num recinto com medidas inferiores às mínimas, não se podia mostrar conjunto. De admirar a extraordinária recuperação de Barcelinhos que de 4-1 conseguiu ir até à igualdade, perdendo só nos 2 últimos minutos.

Foram entregues aos vencedores duas taças. «Escuteiros de Forjães» aos júniores e «Marcelino Sá» aos séniores, actos estes que a assistência sublinhou com muito entusiasmo.

W. E.

FUTEBOL

Recomeçou o desporto que a maioria esperava e incumbem-nos o dever de fazermos uma pequena análise das jornadas, pois mais nos não é possível em consequência do nosso «Boletim» ser de publicação mensal.

—Traído na época há pouco finda, mais um clube minhoto foi obrigado a baixar de Divisão—Sporting de Braga—para fazer companhia a outros que já por lá passaram e aspiram a subir novamente.

Pode-se dizer que a Zona Norte do Nacional da II Divisão está apetrechada para um bom campeonato—dada a categoria dos clubes—, pois pelo menos quatro concorrentes pretendem a sua reascensão à divisão maior.

Há pouco iniciado o Campeonato e já algumas surpresas surgiram nestas primeiras jornadas mas não nos parece comprometer de início alguns clubes. É o caso do Boavista, Guimarães, Sporting de Braga e Salgueiros, que começaram a dar parte de fraqueza neste princípio de época.

Isto nada pode representar nem deve ser causa para se amedrontarem, mas toda a cautela é necessária desde a primeira hora.

Há outros clubes que embora classificados de mais fracos têm revelado boas condições, tais como: Leixões que vem mantendo o cimo da tabela, Gil Vicente (apontada como a equipa mais regular), e Vianense podem servir de incógnita neste

O Oquei no Minho

Não nos enganávamos ao afirmarmos no número passado que o Oquei no Minho havia progredido.

Foi brioso o comportamento dos representantes Minhotos ao Nacional da 1.ª Divisão (poules de apuramento), especialmente do Famalicão e Guimarães que só cederam na 4.ª eliminatória.

Pena foi que o Famalicense não fosse mais feliz com o Académico do Porto!...

*

Praticamente todos os clubes minhotos estão inactivos. Porque não organiza a Associação de Patinagem do Minho um torneio, já que a taça lhe foi oferecida?

Depois de tão boa época, é justo que a preparação não seja esquecida, para se poder fazer melhor. O que se fez, foi bom, mas não basta e o melhor método de treino é ainda com desafios, em que o atleta tenha que frear os nervos, às contingências da responsabilidade.

W. E.

Num Bairro Pobre

A noite aproxima-se... a chuva miúda que havia caído durante o dia, encharcando tudo, passou.

Num canto da rua, procurando abrigo, agora já não da chuva, mas sim dos olhares dos poucos transeuntes e dos vizinhos da ilha: um par engalfinha-se num ósculo de amor...

Não queremos ser importunos e lentamente desviamos-nos. Novo quadro:—um grupo de crianças brinca na lama, aproveitando o "avoador". Nos seus rostos, juvenis e inocentes, a tristeza do meio ambiente faz-se notar. Mas que podem afinal notar eles!? Que têm frio e fome? Mas quem lhes disse ser isso um mal? Eles nunca sentiram outra coisa. Doce inocência, cedo, bem cedo, compreenderem que a vida é assim. É necessário suportá-la. Ventres volumosos, fazem-nos lembrar um pacato comerciante, que passados os anos de trabalho e especulação, descansa agora. A realidade acordou-nos obrigando-nos a deixar de pensar o que serão no futuro estas inocentes crianças.

— Boa-tarde...

Virámo-nos, temos ao lado um velhinho, agarrado a um pau. Com um sorriso a mostrar os maxilares já sem dentes implora: "um cigarrinho cá para o velhote". Satisfeito o seu pe-

didado, aspira com sofreguidão várias fumaças depois de lho acendermos. Apaga-o quase em seguida e fazendo da orelha cigareira aí o coloca.

Continuamos. Um automóvel passa em louca velocidade, salpicando de lama duas mulheres que interrompem o "serrote" para atirarem algumas obscenidades ao automobilista. Para o automobilista? Para o homem que vai dentro do carro, que elas sabem ser milionário? Não somos suficientemente perspicazes para o descobrir; mas inclinamo-nos mais para a segunda hipótese.

Agora é um carro de mão, carregado de faúlha, a cruzar-se conosco mãe e filho, à falta dum besta, lá vão puxando a carga.

Avistam-se agora três homens, picareta às costas, derreados por onze horas de trabalho, voltam a casa.

Um discutir desabrido chama-nos a atenção para a frouxa luz que se escoia dum porta meio aberta... É a taberna. Homens, mulheres e até crianças, confundem-se num ambiente toldado de fumo, de cigarro e do candieiro de petróleo, que em cima de um armário procura, impotente, vencer as trevas. Aqui não se canta o fado; fala-nos a vida.

WALDEMAR ESTEVES

JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas
: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

"A MUNDIAL"

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

problema que se pretende resolver.

— O Gil Vicente tem dado bons sinais de si. Não é aquilo que anevíamos, mas o certo é que ele fugiu às nossas previsões e tem alcançado bons resultados. Fracassou quanto a técnica frente à Sanjoanense mas conseguiu vencer.

O grupo ainda não está bem afinado nem pode estar, pois a falta de um avançado-centro de valor e com Arménio e Gelucho a interiores seriam um perigo constante para o adversário e seria outra garantia para a equipa. O restante está bem controlado e bem orientado. Desembarçados e combativos, mesmo assim podemos contar com os elementos que o grupo possui que devem garantir uma posição honrosa à equipa no final do campeonato.

— As derrotas do Braga com o Salgueiros e o Tirsense não lhe ficaram nada bem.

Os Bracarenses parecem não apresentar um conjunto homogéneo e decidido para poderem arrancar vitórias e pensarem numa subida à divisão primeira.

O princípio é fraco e de mau agouro.

— Por sua vez o Salgueiros que aparentava fraqueza em início, já vai prometendo mais um pouco de preparação e disposto a querer manter presença.

— O Leixões garante o valor que vem demonstrando. Os restantes, com uma carreira que já lhes é natural em épocas transactas.

— Fiquemos por aqui e vejamos o que nos irão apresentar as futuras jornadas.

A. Farla

O «caso» da nossa Biblioteca Municipal

«Deixemos no bengaleiro a nossa perpétua inclinação nacional de escutar Odes— e entremos só com a tendência humana de resolver problemas».

EÇA DE QUEIRÓS

EXISTE em Barcelos uma Biblioteca Municipal, mas é de lamentar, porém, que a sua frequência seja praticamente nula.

O reconhecimento de tal facto, mesmo a quem habitualmente dê de ombros aos problemas de indefectível interesse local, não pode deixar de causar um certo entristecimento. É que o caso da nossa Biblioteca tem tanto de indesejável e gritante, que não pode, de forma alguma, deixar de impor-se à meditação dos barcelenses.

Abordemos, apenas, e digamos apenas "apenas", para não ferirmos susceptibilidades de quem pretende descansar em paz, alguns dos muitos aspectos que carecterizam a situação anormal da nossa Biblioteca Municipal. Para começar, umas perguntas dirigidas a todo o barcelense que porventura leia este breve artigo:

Qual a utilidade duma Biblioteca Municipal, com estantes pejadas de alguns milhares de livros, em que a frequência é praticamente nula?

Qual a razão por que as entidades que superintendem na orientação da nossa Biblioteca não fazem, como nos parece de seu dever, um esforço no sentido de que o leitor dê pela existência dos milhares de volumes postos ao seu dispor?

Será que a Biblioteca é um Museu de Livros?

Será que as entidades barcelenses não vêm tal esforço como um dos seus deveres?

Se tal corresponde à verdade, como hão-de tais entidades estabelecer uma linha de coerência entre o seu alheamento, no que toca à Biblioteca, e os esforços em profundidade que o Governo vem fazendo no sentido de levar ilustração a todas as camadas populacionais do nosso País?

Não pretendemos, com o alinhavo destas breves considerações, melindrar ninguém. O que lamentamos, e tal não pode deixar de dar-se em nós, pois somos barcelenses, é que exista na nossa terra uma Biblioteca Municipal que não justifica, por ausência de utilidade originada pela inércia de quem quer que seja, um horário afixado à entrada, a luz que gasta, o vencimento do bibliotecário, os volumes em que quase ninguém toca.

Vemos que em Barcelos as iniciativas de feição e objectivos culturais ainda não morreram de todo; e ao falarmos assim lembremo-nos da acção do "Boletim" da TEBE e de mais algumas iniciativas à TEBE ligadas: o seu Grupo Cénico; o seu Orfeão que esperamos não tenha ainda caído no esquecimento; a sua Secção de Cinema.

Pode dizer-se que a TEBE e o seu "Boletim", a Casa do Povo de Barcelinhos e o seu Corpo Coral, o seu Rancho Folclórico e o seu conjunto musical, constituem o único eco que nos lembra actividade cultural na nossa terra. Por tal, merecem a nossa estima.

Chegará talvez a hora em que a TEBE crie a sua "biblioteca de fábrica" (e isto não é demagogismo, senhores, pois temos ainda nos ouvidos algumas das palavras do actual Ministro das Corporações que tal preconiza). Mas de qualquer maneira, com "biblioteca de fábrica" ou sem ela, a TEBE e o seu "Boletim", apesar de limitações que se lhe apontem, constituem quase a única nota salutar ou positiva no nosso paupérrimo sistema de actividade cultural. Mais, sem a TEBE e o seu "Boletim", sem a Casa do Povo de Barcelinhos e a sua actividade e criações já referidas, não há na nossa terra actividade com fins culturais.

Temos a nossa Biblioteca Municipal? Temos e não temos... Temos, se tomarmos por Biblioteca Municipal um estabelecimento que existe em estado de estagnamento, que não atinge, nem de longe, um fim inerente à sua natureza de estabelecimento propiciador de cultura. Não temos, se tomarmos por Biblioteca Municipal o que, em verdade, tal estabelecimento deve ser: uma fonte de cultura para todos, um corpo vivo em constante revigoração e actualização de todos os seus elementos.

Não queremos melindrar quem pretende apenas descansar em paz. O que lamentamos, como barcelenses que somos, é que a nossa Biblioteca Municipal não cumpra a sua missão. O que lamentamos é que as iniciativas de ordem cultural em Barcelos não sejam impulsionadas por quem de direito. O que lamentamos é o facto de vivermos apenas de uma ou outra iniciativa particular: caso da TEBE— e o resto ser o nada quase absoluto.

Sem Bibliotecas, mas Bibliotecas em pleno funcionamento, entendamos funcionamento por frequência assídua de leitores, por que sem leitores tudo é apenas fachada mais ou menos aparatosa, não há actividade cultural digna desse nome. Cabe, portanto, aos responsáveis remediar urgentemente o tristíssimo "caso" da nossa Biblioteca Municipal.

Manuel Lemos da Silva

Saraus de arte

promovidos pela Delegação da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, de Braga com a colaboração do Grupo Recreativo da Casa do Povo de Barcelinhos

(Dias 29 de Setembro e 6 de Outubro de 1956)

Sob a presidência do Delegado do I. N. T. P. de Braga, Snr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa, realizaram-se no Cine-Teatro Gil Vicente mais duas sessões comemorativas do 23.º aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional.

Depois de aberta a sessão usou da palavra, em nome da Casa do Povo de Barcelinhos, o nosso colaborador e trabalhador da TEBE Adriano Faria, que, cheio de entusiasmo e convicto da sua alta missão falou desta maneira:

“Ex.^{mo} Snr. Dr. Delegado do I. N. T. P.

Dig.^{mo} Presidente da Câmara M. Barcelos

Ex.^{mos} Representantes dos Sindicatos Nacionais

Dig.^{mas} Autoridades Militares, Civis e Religiosas

Minhas Senhoras, Meus Senhores

Convidado para dizer algumas palavras nesta sessão comemorativa do 23.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, como operário não quis deixar de aceder.

Falar do Estatuto do Trabalho Nacional é falar da Magna Carta dos direitos do trabalhador em que se estabelecem a mútua colaboração da propriedade, do capital e do trabalho.

Havia a necessidade de se dar um salário justo e suficiente àquelles que só do salário vivem, mas de maneira que esse salário estivesse em relação com as necessidades da família do operário, sem perder de vista as naturais garantias da propriedade e do capital.

Foi um passo em frente na Organização Corporativa e uma garantia para o operário a promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional.

Foi por ele que se estabeleceu o salário mínimo, o direito ao descanso semanal e ainda e muito justamente, um período, mesmo reduzido, de férias pagas em cada ano.

E, já que falei em salário mínimo, permita-me V. Ex.^a Senhor Dr. Delegado do I. N. T. P. frisar que o operário precisa de um salário justo e de acordo com o nível de vida, de maneira que este seja suficiente para o sustento da família.

Já a Igreja, pela Encíclica Rerum Novarum, exprimiu também o ponto de vista sobre o problema que o Papa Leão XIII publicou, preconizando o entendimento entre o Capital e o Trabalho:

O erro capital na questão presente é crer que as duas classes são inimigas natas uma da outra, como se a natureza tivesse armado os ricos e os pobres para se combaterem mutuamente num duelo obstinado.

Isto é uma aberração tal, que é necessário colocar a verdade numa doutrina contrariamente oposta porque se o todo do homem se adapta maravilhosa e simetricamente, assim também na sociedade as duas classes estão destinadas pela natureza a unirem-se harmoniosamente e a conservarem-se mutuamente em perfeito equilíbrio.

Consequentemente tem imperiosa necessidade uma da outra: não pode haver capital sem trabalho, nem trabalho sem capital.

Alguns benefícios mais têm recebido os operários tal como assistência, etc., mas é preciso ainda e para atender à falta de alojamentos com que o operário luta dia a dia, que em Barcelos seja construído um bairro de Casas de renda económica — mas frise-se bem — para operários. Que este pedido seja levado por V. Ex.^a Snr. Delegado ao Ministério das Corporações, mas espero que ele não fique pelo caminho como tem sucedido com tantos outros — de que até me abstenho de falar, — como seja a escola técnica que tanta falta faz nesta cidade.

Outro ponto de importância foi também a criação das Casas do Povo.

O trabalhador rural, aquele que amanha as terras para cultivo dos nossos alimentos, também viu a sua situação um pouco melhorada com o Estatuto do Trabalho Nacional.

A assistência médica, os subsídios de doença e invalidez, etc., são concedidos em larga escala pelas Casas do Povo.

SINALEIRO

*Ergue os braços, apita, a vida ruma
sob um rígido signo de comando,
mão enluvada, apontada quando
em rebeldias a vida se consuma.*

*Tantos rumos vedados: Norte, Sul, toda a Rosa
dos Ventos... Bússolas? Nossas sinas
têm sinaleiros solícitos nas esquinas
e marcha em mão forçada, rigorosa.*

SENTIDO PROIBIDO. — ALTO! — DEVAGAR. —
DIRECÇÃO ÚNICA. — SIGA. — Dísticos
severos uns, outros humorísticos
mas que nos é forçoso observar.

*Fáceis os caminhos quando decorados
e pelo sinaleiro regido cada gesto.
Mas para quem não concorde, é manifesto:
todos os caminhos lhe serão vedados.*

16/10/55

CARLOS CAMPOSA

Mas espero e é necessário que o trabalhador rural, (o jornaleiro como se lhe chama) dentro em breve, tenha o seu salário mínimo e as suas horas certas de trabalho, deixando-se assim aquele antigo sistema de trabalho de Sol a Sol por um escasso salário diário.

Que serve a um grande proprietário possuir grandes quintas se a sua terra é amassada com as *lágrimas, suor e sangue do jornaleiro?*

O jornaleiro é trabalhador como nós e por isso como nós deve ser olhado. Esperamos que o eco destas sessões mais alguma coisa traga em benefício do operário que dá o seu esforço e dedicação ao trabalho e aos patrões.

Garantimos a nossa fé no futuro da Revolução Nacional e termino evocando aquele preceito Cristão que manda “Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”.

O seu discurso foi coroado com uma demorada e estridente salva de palmas.

A seguir falou o presidente do Grémio do Comércio de Barcelos, que, mais uma vez focou a exposição de arte dos trabalhadores, que a sua direcção levou a efeito por ocasião das Festas das Cruzes e que teve — como é do conhecimento geral — grande repercussão em todo o País. O seu discurso foi ouvido com bastante interesse sendo aplaudido demoradamente.

Para encerrar a sessão falou o Snr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa, digníssimo Delegado do I. N. T. P. de Braga que, mais uma vez soube explicar a razão de ser e a função social do Estatuto do Trabalho Nacional.

As suas breves palavras foram coroadas com uma estridente e demorada salva de palmas.

Seguidamente teve lugar uma sessão recreativa cujo programa agradou plenamente, de que damos algumas passagens breves:

Em primeiro lugar ouviu-se o Orfeão que executou vários números clássicos. De afinação impecável e execução perfeitíssima, debaixo da regência do Snr. Fernando da Costa Fernandes, todos os números foram ouvidos com agrado e silêncio religioso pela assistência que na altura própria aplaudiu justamente.

O grupo cénico representou uma interessantíssima Opereta cómica, que a par do bom trabalho dos seus artistas (amadores) deixou toda a assistência satisfeita.

Também se fez ouvir com singular agrado a Orquestra ligeira que tocou vários números. Cantaram os seus vocalistas lindas canções que a assistência soube premiar com os seus aplausos. Pode-se dizer que a Casa do Povo possui uma rica Orquestra e bons artistas.

Para fecho do espectáculo actuou o Grupo Folclórico que dançou lindas danças recolhidas no concelho de Barcelos.

Todas estas danças são vistosas na sua estrutura e na sua originalidade. Aqui é que se pode ver o verdadeiro folclore, aquele que realmente é dançado na sua pureza de estilo, sem simetrias e alambicados doentios e fictícios.

É o puro dançar dos rapazes e raparigas do campo, que quer nas romarias, quer nas horas de trabalho, sabem dar vida e colorido com a sua exteriorização sincera, natural e característica. É nesta simplicidade castiça que maior valor devemos dar ao Grupo Recreativo da Casa do Povo de Barcelinhos.

Festa Comemorativa do XXIII aniversário do ESTATUTO NACIONAL DO TRABALHO

1.ª PARTE

○ Centro de Alegria do Trabalho da F. N. A. T. (Centro Recreativo da TEBE) comemorou, no dia 22 de Setembro passado, o 23.º aniversário da publicação do Estatuto do Trabalho Nacional e dos diplomas que criaram e instituíram os Sindicatos, Casas do Povo, etc.

Na mesa de honra e a presidir à sessão encontrava-se o Snr. Dr. Hilídio Nunes das Neves, digníssimo Subdelegado do I. N. T. P. do distrito de Braga, que tinha à sua esquerda o Senhor Luis Fernandes Pinheiro, sócio-gerente da TEBE e o Snr. Artur Basto, presidente do Grémio do Comércio de Barcelos. À sua direita encontravam-se os Snrs. Mário Campos Henriques, sócio-gerente da TEBE e Eng. João Augusto Duarte Veloso, também sócio da TEBE.

Em lugar de honra viam-se também os Snrs. Artur Marques Pinto, Francisco da Silva Esteves, Manuel Sousa, presidente do G. R. da TEBE, Aarão Pinto de Azevedo, representando a Casa do Povo de Barcelinhos e ainda o Snr. Simplício de Sousa.

Em primeiro lugar usou da palavra o Snr. Artur Basto que, na qualidade de presidente do Grémio do Comércio afirmou:

“Ex.^{mo} Snr. Dr. Hilídio Nunes das Neves, muito digno subdelegado do I. N. T. e P. do Distrito de Braga.

Ex.^{ma} Direcção da Empresa de Malhas TEBE.

Minhas senhoras e meus senhores:

Se não fosse a obrigação do cargo que represento, não estava neste momento aqui. É que outros méritos não possuo, além do facto de presidir a um organismo corporativo. É como este ano se comemora o 23.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional e dos diplomas que instituíram os Grémios, os Sindicatos e as Casas do Povo, tinha forçosamente que falar neste dia festivo, um dirigente corporativo.

Está pois devidamente esclarecida, a minha presença neste espectáculo.

Não vou porém fazer doutrina, nem alongar-me em discurso enfadonho. Aquela, vai ser naturalmente exposta por Sua Ex.^a o Snr. Dr. Hilídio Nunes das Neves, subdelegado do I. N. T. e P. de Braga.

A mim, cabe-me sobretudo o dever de aproveitar esta ocasião, para vir agradecer a todos os expositores que concorreram para a exposição do artesanato Barcelense, celebrada na sede do Grémio do Comércio, por ocasião das últimas festas da Cidade.

Não há dúvida nenhuma, que essa iniciativa está dentro dos princípios da política corporativa, e o Grémio do Comércio de Barcelos, na propaganda da nossa etnografia, folclore e artesanato, tem desempenhado papel preponderante na vida cultural do concelho. É certo que tudo isto se deve em grande parte aos seus colaboradores, que são no caso presente, os autores de quantos trabalhos se apresentavam na referida exposição.

Por isso não se podia escolher melhor data que esta — em que se festeja condignamente mais um aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, — para agradecer a todos os expositores. Foi esta a razão porque subi ao palco deste salão de festas, gentilmente cedido pela Empresa da TEBE, para além do reconhecido “muito obrigado”, distribuir diplomas que serão um estímulo à sua arte.

Tudo merece, sem distinção, referência aqui, nomeadamente os bonecos de barro que gozam actualmente de fama mundial. Há peças de uma ingenuidade impressionante, e quanto mais ingénuas mais ricas são. É ver o curioso contraste entre a sua delicadeza e os grossos dedos que as confeccionam. É que elas (as peças) são improvisadas nas suas almas.

Quanto proveito se poderá tirar destes engenhosos artistas anónimos, se tivessem a aperfeiçoá-los, uma escola técnica profissional! Se quem nos governa administrativamente, se aperceber desta urgência, estou certo

que redobrá de esforços no sentido da criação dum Estabelecimento de ensino secundário técnico. O próprio art.º 46 do Estatuto do Trabalho prevê que “compete especialmente aos sindicatos de empregados e operários, desenvolver as habilitações técnicas, etc., etc.

Ora Barcelos possui milhares de curiosos que são puras revelações e que necessitam de escola, porque intuição não lhes falta.

Urge pois trabalhar em sua defesa, sem olhar a canseiras ou até inimizadas. A Escola Técnica tem que ser consumada, custe o que custar. Isto reclamam os nossos filhos, por quem temos o dever de preparar o seu futuro. Cabe a nós, que dirigimos os organismos e somos a orientação dos trabalhadores, pugnar e lembrar às instâncias superiores, essa necessidade.

E finalmente para cumprir o que prometi de princípio, que seria breve, termino por aqui as minhas pobres e modestas palavras. Elas foram, como já o disse e o renovo, apenas de agradecimento a quem de direito.

Mais uma palavra e empanará o brilho desta sessão, que deve ser alegre e de festa.

Por isso à paciência de quem teve a gentileza de me ouvir, o meu sincero e muito obrigado.

Tenho dito.”

Seguidamente e num improviso simples e bem formulado falou o Presidente do Grupo Recreativo da TEBE que, entre vários assuntos apresentados, ventilou o da criação de uma escola técnica, ambição legítima da massa operária de Barcelos.

Por último, para fechar a sessão solene, falou o Snr. Doutor Hilídio Nunes das Neves que, na qualidade de subdelegado do I. N. T. P. do distrito de Braga, afirmou:

“Reunimo-nos hoje aqui para comemorar o XXIII aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional.

Juntamo-nos para participar numa festa, e não hesito em dizer que se trata de uma festa em família, razão porque me dirijo a vós nestes termos — também familiares — embora o programa fale em sessão solene.

Num ambiente familiar sentimo-nos mais à vontade, não há constrangimentos, e a comemoração faz-se como que espontaneamente.

Estamos congregados no salão de festas duma empresa que tanto tem ajudado — com compreensão e carinho — o grupo recreativo do seu pessoal, que promove esta festa.

Inscrito na F. N. A. T. como Centro de Alegria no Trabalho que é, tem tido algumas actividades interessantes no domínio da cultura, do recreio e do desporto.

Podíamos dizer que lhe assistia a obrigação de não deixar passar em claro esta data tão significativa.

E não fugiu ao cumprimento deste dever. Mais, cumpriu-o bem.

Podemos afirmar — pois não é exagero de retórica — que esta colaboração entre a empresa e os seus operários é um símbolo, manifestação de algumas das ideias em que o Estatuto é tão rico.

Mas particularmente significativo é o acto de distribuição dos diplomas aos trabalhadores que concorreram à exposição de arte dos trabalhadores organizada pelo Grémio do Comércio de Barcelos.

Toda a manifestação artística e cultural é sempre um enriquecimento.

Indo além, no seu interesse pelas coisas, da labuta quotidiana, do esforço diário, do simples ganha-pão, da mera criação de riqueza material, estes trabalhadores, fazendo render os talentos que lhes foram concedidos, enriqueceram-se a si mesmos, e tornaram

mais rica a sociedade, porque tudo aquilo que fazemos de bem ou de mal, de positivo ou de negativo, se repercute no meio em que vivemos.

Reunimo-nos aqui, dizia eu, numa festa comemorativa do Estatuto do Trabalho Nacional.

Podemos dizer, com rigor, que festejamos o Trabalho, no seu sentido mais amplo, englobando portanto



MESA DE HONRA VENDO-SE NO USO DA PALAVRA O EX.^{MO} SNR. DR. HILÍDIO NUNES DAS NEVES, SUBDELEGADO DO I. N. T. P. DE BRAGA

(Continua na página 2)